

PROJETO, ARQUITETURA, CONHECIMENTO, PESQUISA

BRANDÃO, Otavio Curtiss Silviano

Departamento de Projetos
Escola de Arquitetura
Universidade Federal de Minas Gerais
Rua Paraíba 697 sl. 304F Belo Horizonte MG Brasil
E-mail otaviocsb@gmail.com

Palavras-chave: Projeto arquitetônico, arquitetura, conhecimento, pesquisa.

Resumo

Este artigo propõe discutir o valor de concepções acerca do conhecimento hoje vigentes na didática do projeto arquitetônico. Inicialmente é proposta uma distinção entre as áreas do projeto e da arquitetura. A partir dessa distinção propõe-se que a relação que cada uma mantém com o tema do conhecimento é distinta. Proponho que a noção de conhecimento cumulativo é de utilidade limitada para quem faz projeto, pois para se fazer projeto, estamos sempre aprendendo, não havendo ou não tendo sentido em se falar em um corpo de conhecimento estabelecido para guiar-nos neste campo. Menos do que compreender projeto como atribuição de sentido, compreendo projeto como busca de sentido. E um sentido para o projeto pode ser entrevisto quando, fazendo-o, inventamos também os modos a partir do qual ele é feito. Compreendendo então projeto como busca, critico a atual política de avaliação das agências de fomento, que não consideram o projeto como pesquisa.

Palabras clave: Diseño arquitectónico, Arquitectura, Conocimiento, Investigación.

Resumen

Este artículo pretende discutir el valor de las concepciones de conocimiento que existen actualmente en la enseñanza del proyecto arquitectónico. Inicialmente se propone una distinción entre las áreas de proyecto y arquitectura. A partir de esta distinción se propone que la relación que cada uno tiene con el tema del conocimiento es diversa. Propongo que la noción de acumulación de conocimientos es de uso limitado para los que hacen el proyecto, porque para hacer el proyecto, siempre estamos aprendiendo, no tiene sentido hablar de un cuerpo establecido de conocimientos que nos guíe en este campo. Menos de entender el diseño como la atribución de sentido, entendemos el diseño como una búsqueda de sentido. Y un sentido para el proyecto se puede vislumbrar en que al hacerlo, se inventa también las formas con las cuales se hace. A continuación, a partir de la comprensión del diseño como búsqueda, hago una evaluación crítica de la política actual de los organismos de financiación, que no consideran el proyecto como investigación.

PROJETO E ARQUITETURA SÃO COISAS DISTINTAS

Não costumo ver com freqüência o interesse por abordagens teóricas que se debrucem sobre a distinção entre os dois campos apresentados neste subtítulo e, apenas para fins de coerência na argumentação proposta a seguir, pretendo estabelecer uma. Em primeiro lugar, quando me refiro a projeto é importante estar claro que me refiro ao projeto arquitetônico, e não a projetos de naturezas distintas. Isso posto, para mim, projeto é o processo e o produto da atividade de elaborar um conjunto de documentos para serem executados com o objetivo de se construir alguma coisa para ser habitada. Por sua vez, quando me refiro à arquitetura, estou me referindo ao conjunto de obras construídas e um corpo de conhecimento constituído sobre aquele conjunto. Sei que essas definições podem não abranger tudo o que se pensa acerca desses dois assuntos, mas, por enquanto, são interessantes como operadores do raciocínio que se segue. Interessa-me aqui o contraste que estabelecem, entre si, as acepções do projeto como coisa em andamento e da arquitetura como coisa pronta. Esta distinção entre esses dois campos sugere que as relações que cada um estabelece com o tema do conhecimento podem ser distintas entre si, e isto é o que pretendo investigar.

ARQUITETURA E CONHECIMENTO

A relação entre arquitetura e conhecimento se dá de modo convencional, isto é, parte-se da noção de conhecimento como um corpo estável, cumulativo e estocável. Em última análise, o conhecimento existente sobre a arquitetura é o conjunto de todas as bibliotecas da área. Essa acepção acerca do conhecimento, como estoque útil, está ligado a uma visão de mundo segundo a qual o desenvolvimento, progresso ou evolução da humanidade se daria através de um acúmulo cada vez maior de um conhecimento tido como verdadeiro, estável e fundante sobre as coisas, o mundo e o universo. De acordo com esse modo de ver as coisas, nos deparamos com uma visão de mundo positiva, na qual a humanidade se encontraria em um estágio cada vez melhor, superior e mais refinado em seu conhecimento sobre tudo. Este conhecimento cumulativo seria, no âmbito da arquitetura, capaz de fazer com que as obras edificadas, através de projetos arquitetônicos, fossem cada vez mais e melhor ajustadas aos seus contextos, isto é, teriam, ao longo de uma suposta linha do tempo, qualidade sempre superior ao que foi feito antes. Porém, a crítica ao determinismo, idealismo e finalismo dessa visão de mundo, bem como à existência e valor de tais verdades estáveis e fundantes vem, aos poucos, se alinhando com outras acepções acerca da articulação interna dos conceitos em jogo, evidenciando o limite da utilidade, para quem projeta, dessa concepção acerca do conhecimento.

O CONHECIMENTO SOBRE A ARQUITETURA NÃO É SUFICIENTE PARA SE FAZER PROJETO

O conhecimento da história da arquitetura e da tecnologia da construção civil não habilita ninguém a fazer projeto. E para se fazer projeto não é suficiente o conhecimento acerca de todos os discursos existentes sobre arquitetura. Esse tipo de conhecimento pode ser suficiente para formar um bacharel, mas nunca um profissional capacitado para a prática da profissão. Algo além do que é ensinado em disciplinas discursivas precisa ser dominado por aquele que se dispõe a projetar. E esse algo não é um conteúdo transmissível de acordo com o modo convencional de se ver o tema: um professor que transmite um conteúdo tido como verdadeiro a um grupo de alunos. Ainda que ignoremos a crítica construtivista a esse último assunto, a habilidade necessária para se elaborar um projeto não tem como ser formatada em um pacote, e também não tem como ser ensinada, o que não significa que não tem como ser aprendida. Daí eu defender a noção de que projeto se aprende, mas não se ensina. Tal como aprender a andar de bicicleta ou a nadar, para se fazer projeto não é suficiente (ainda que sejam necessários, pelo menos em parte) a leitura de toda a bibliografia a respeito. Esse raciocínio sobre a didática do projeto, de cunho conteudista, tem levado a um inchamento esquizofrênico em nossos currículos de cursos de arquitetura.

À pergunta: “O que seria necessário para preencher esse algo que falta no aprendizado de projeto, e que não é oferecido pelas disciplinas discursivas?” não se responde com mais uma disciplina discursiva. O que significa que o que falta não é da ordem do discurso, e aqui aparecem limites na utilidade de disciplinas de ordem teórica, para quem quer fazer projeto. Natação, ciclismo e projeto são atividades práticas. Nelas, a prática não vem subordinada à teoria.

É conhecida a dificuldade de alunos e arquitetos quando defrontados com folhas de papel em branco, quando do início de seus projetos. Ainda que locupletados com conhecimentos de vários tipos, nessa hora percebemos que a folha de papel continua a colocar sua questão de esfinge: o que fazer? Todo o cabedal não responde a essa pergunta. Não há terreno sólido, não há caminho – tudo está por fazer: tanto o projeto quanto os procedimentos para se chegar à forma. E, provavelmente da frustração advinda dessa ausência de respostas viria o horror da folha em branco e o fato de que, em escolas baseadas nessa noção sobre o conhecimento, parte do corpo discente não desenvolver o gosto pela atividade de projeto e, pior que isso, desenvolver uma aversão a essa atividade. Outra relação entre projeto e conhecimento há que ser evidenciada, se é para continuarmos a relacionar esses dois conceitos.

PROJETO É PESQUISA

É preciso, através de narrativas, explicar, a quem não faz projeto, o que se passa quando se faz um projeto. Isso pelo simples fato de que quem não faz projeto não está presente, e assim não conhece a realidade dos fatos, em seus próprios termos (nos termos do registro da atividade do projeto), e não naqueles da especulação. Quem não faz projeto pode achar que os termos utilizados para pensar são os instrumentos utilizados para projetar, e essa confusão precisa ser desfeita, para a construção de uma teoria do projeto diferente de uma teoria da arquitetura.

Projetar é uma atividade criativa. Quem projeta está tentando resolver um problema, e se o problema é sempre novo a cada projeto, então estamos trabalhando sempre pela primeira vez, sempre de modo amador. Isso pode ter um grande fascínio para quem projeta: saber que, não sabendo resolver de imediato aquela questão que lhe fora destinada, ele deverá, por conseguinte, inventar o modo de resolvê-la. Como nos disse a folha em branco, nenhuma pista há sobre como iniciar os trabalhos (ou como dar prosseguimento aos mesmos).

Durante um projeto inventamos e re-inventamos nosso modo de proceder: ao longo dos trabalhos precisamos estar sempre revendo as estratégias, os olhares significativos etc., o que não significa que não utilizemos, aqui e ali, táticas catalogadas e datadas. Sendo uma atividade criativa, nesse sentido dobrado (criar a forma e o modo de chegar a ela), fazer projeto é também uma atividade de pesquisa. Uma vez afastadas as teorias ingênuas da idéia e do método como nascedouros do projeto, fazer projeto passa a ser pesquisar pela forma que melhor atenderá àquele conjunto de demandas. De acordo com essa acepção, fazer projeto significa que o arquiteto não sabe, ao quando inicia um projeto, qual será a forma do mesmo, pois é preciso fazer um trabalho de pesquisa. Aqui precisamos alargar o que se entende por pesquisa, para acomodar a possibilidade de uma pesquisa criativa.

Pesquisar é um gesto elementar de quem é dotado de curiosidade. E aqui fazer projeto, concebido com pesquisa da forma, assemelha-se a uma pesquisa básica. Não se pode dizer que projeto é pesquisa básica pois, se não tiver uma aplicação muito clara e definida, esse projeto carece de sentido. Mas existe uma semelhança: em ambos os casos não se sabe onde se chegará; em ambos os casos, o curioso não sabe a resposta para suas perguntas e faz disso a razão de seu movimento. O projetista curioso coloca, na mesa de trabalho, sua engenhosidade para lidar com soluções novas. Para isso, conta com seu *ingenium*. Este termo diz respeito à habilidade humana, compartilhada pelo arquiteto, de resolver problemas nos quais o processo para tanto não está definido a priori. Se isso ocorre, o processo deve ser inventado juntamente com a solução. Habilidade é um termo que diz respeito ao fazer que necessita ser feito quando

não se sabe (não se conhece), antes de se o fazer, do produto dessa própria atividade. *Ingenium* é essa habilidade. Os arquitetos estamos acostumados a trabalhar com variáveis múltiplas, e a navegar por um mundo de soluções distintas e possíveis. Estamos acostumados à tarefa investigativa.

Ainda assim, as agências de fomento à pesquisa desconsideram a atividade elementar de pesquisa feita por quem projeta (a pesquisa básica nunca interessou a políticas que buscam benefícios imediatos e têm aversão ao risco). A atual política de distribuição de recursos dos cofres nacionais privilegia, em nosso meio, e paradoxalmente, aqueles que nunca saíram da universidade, isto é, profissionais que fazem, em seqüência ininterrupta, a graduação, o mestrado, o doutorado etc. Se a prática desses profissionais reside no domínio das letras e dos números, não têm como falar, em primeira pessoa, da prática de quem lida com traços. Hoje, paradoxalmente quem escreve, mais que quem projeta, é financiado pelas agências de fomento. Pois para projetar é necessário tempo, e para escrever também. Logo, o profissional que não projeta, e só escreve, tem, segundo as regras de uma produção quantificada, uma melhor apreciação do que aquele que projeta. A política de produção acadêmica nacional está, integralmente, baseada em uma numerologia positivista. Certa vez, em reunião departamental, ouvi: – mas como quantificar a produção arquitetônica? certamente não é por metro quadrado. Ao que respondi: – porque não? a produção escrita, por ausência de fundamentação suficiente, e por nem atinar que tal ausência é a regra, não é ela quantificada por quilos de papel e truques variados, como co-autorias laranjas, citações inter-estamentais etc?

Por fim, resta dizer que grupos acadêmicos têm a tendência a estabelecerem códigos acerca da constituição do conhecimento, pois esses códigos garantem a identidade do gregário. E garante, sem dúvida, o dinheiro extra das bolsas de produtividade e adicionais de bancada. Por conseguinte, os códigos são defendidos com força. Então, uma dificuldade a ser encontrada para quem quer debater projeto deverá ser a de vencer as trincheiras de um conhecimento cujo estatuto está agora em discussão.

ⁱ VICO, Giambattista. De antiquissima itolorum sapientia. In: *Opere complete*. Firenze: Sansoni, 1971. p . 116.